

O VELHO TEMA: A ARTE E A MORAL

EVARISTO DE MORAES FILHO

E

sempre com timidez, numa atitude de respeitosa humildade, que começamos a tratar de um assunto como este que constitui matéria predileta de quase todos os teóricos da arte. Estetas, filósofos, moralistas não deixaram

nunca de dar uma opinião, passageira embora, a respeito das relações da arte com a moral. E no meio de tantos debates, de tantas modalidades de se encarar o problema, temos plena consciência que estas nossas notas parecerão como mais um grão de areia, anônimo e inexpressivo, que se vai perder tranqüilamente em meio o vendaval do deserto.

O mais curioso em todo esse debate é o dogmatismo com que o problema é tratado por alguns autores. Há os que defendem intransigentemente a subordinação da arte à moral, como os há igualmente que defendem com idêntico ardor a inteira independência de uma da outra, criando o lema da **arte pela arte**, da arte pura. Sempre fomos por princípio contra essas atitudes de **purismos**, de isolamentos estanques, em qualquer ramo da cultura humana. Acharmos que o homem, como personalidade, é um ser inteiro, que se manifesta inteiro em todos os atos de sua vida. Só por abstração se poderia isolar qualquer das manifestações do seu espírito. Quando o homem pinta, faz poesia, escreve, ali estão presentes, confessados ou mascarados, todos os seus preconceitos, toda a sua maneira de encarar a vida, a sua **Weltanschauung**, enfim. O homem quando faz arte não desliga a comunicação com o restante do seu espírito, como quem torce o interruptor apagando ou acendendo a lâmpada deste ou daquele quarto. A psicologia diferencial de hoje, a psicanálise, a sociologia do conhecimento apresentam isso de comum: vieram mostrar, de maneira definitiva, que no mínimo gesto de um homem ali estão reagindo a sua personalidade integral, os seus instintos, o seu mundo inconsciente, a sua infância, a sua classe social, o seu grupo. tudo, enfim, que se acumulou em seu íntimo, preparando justamente aquela certa maneira de conceber o mundo e a vida.

Não queremos discutir aqui, nem o estamos fazendo, todas essas teorias de crítica de arte, à maneira de Taine, que pretendem subordinar a produção da obra de arte a fatores estranhos ao artista. Não estamos, por igual, discutindo o problema do gênio na arte. Desejamos tão somente lembrar de passagem que o indivíduo

quando produz uma obra de arte não se encontra na mesma situação de quem resolve, abstratamente, um problema de logaritmos. Embora o assunto seja outro, não nos furtaremos à tentação de citar aqui um ensaio de Jerome Frank, um dos chefes da escola realista na filosofia do direito americana, com o seguinte título: **Are judges human?** Diz êle aí que as decisões judiciais estão influenciadas pela dieta do juiz, suas preferências e aversões pessoais, seus preconceitos e seus estados de espírito. O conhecimento das normas jurídicas, por si só, serve muito pouco para prever a decisão de um determinado juiz.

Tanto no direito, como na arte, não basta o simples conhecimento dos expedientes abstratos, dos mecanismos lógicos de construção, da técnica elaborativa, para se poder, abstratamente, como quem arma uma equação, prever os resultados concretos de um determinado indivíduo. Por isso nós colocamos em atitude hostil aos adeptos da **arte pela arte**. Sabemos a que exageros chegou essa atitude no século passado, principalmente entre os românticos franceses. De resto, salta logo aos olhos que tal atitude só poderia mesmo partir dos românticos, dos que voltam as costas à vida, trancando-se a sete chaves em suas torres de marfim. Esquecem que a arte nasce impura, envolvida aqui e ali por elementos que lhe sejam teoricamente estranhos.

Para mostrar a que extremos chegou a **arte pela arte**, é o bastante a seguinte citação de um trecho de Théophile Gautier, no prefácio de **Mademoiselle de Maupin**. Diz êle: "Não, imbecis: não, cretinos e ignorantes; não se faz com os livros sôpa de gelatina. Uma novela não é um par de sapatos sem costura; nem um soneto, uma seringa; um drama não é um ferrocarril, coisas civilizadoras e que fazem caminhar a Humanidade pela senda do progresso. Pelas entranhas de todos os papas passados, presentes e futuros, não e duzentas mil vezes não... Eu, ainda que tal não agrade a êsses senhores, sou dos que preferem o supérfluo ao necessário e aprecio melhor as coisas e as pessoas pela razão inversa dos serviços que me prestam".

E ainda mais, do mesmo Gautier: "Renunciaria muito satisfeito a meus direitos de francês e de cidadão para ver um quadro autêntico de Rafael ou uma formosa mulher nua: a princesa Borghese, por exemplo, depois de posar para Casanova, ou a Julia Grisi quando entra no banho".

São suficientes êsses dois trechos de Gautier para que possamos constatar ao vivo a que

"Journal de Letras"

Janeiro de 1951

pag. 2/3

extremos de intencionalidade chegou a arte pela arte. E tudo isso redundava em mentira e impossibilidade, como alguém que quer fazer do artista um pássaro que voasse no vácuo ou um pêndulo que oscilasse no espaço livre do mínimo arto. Não, senhores, o artista é um ser humano, de carne e osso, com todas as necessidades e contingências de todos os outros seres humanos. Nada na vida pode ser puro e isolado em por cento. A vida nos envolve por todos os lados, e no indivíduo está sempre presente o seu passado. Ninguém consegue isolar-se inteiramente, como quem isola um campo operatório em assepsia absoluta.

E entre esses elementos da vida que penetram na obra de arte, ora declarada, ora veladamente, se encontra a moral. Em qualquer produção artística é possível vislumbrar-se um ponto de vista ético, sabia ou não o seu autor. Daí justamente o trabalho da crítica: revelar os motivos e os móveis da criação de uma obra de arte. Muitas vezes, o mais surpreendido com os resultados da crítica é o próprio criador. O indivíduo que teve uma educação, vive em uma determinada família, pertence a um grupo, a uma escola, a um estilo; consilgo estão as suas crenças, as suas superstições, os seus preconceitos. E tudo isso irá se refletir em sua criação artística. Por mais que o artista procure fugir do real, por mais poderosa que seja a sua imaginação, por mais aperfeiçoada que seja a sua técnica, de maneira alguma, contudo, conseguirá ele livrar-se completamente dos materiais artísticos que a sua própria vida lhe forneceu. Cada um vai escolhendo pela existência afora aqueles motivos de inspiração que se coadunem com o seu estilo de vida. Esse estilo de vida age como um fim, absorvendo o que lhe agrada ou lhe desperta a atenção e desprezando o restante. Por que certas pessoas só se lembram de acontecimentos tristes, ao passo que outras só se recordam de momentos alegres da sua infância. Uns se lembram de instantes de humilhação; outros, de exaltação e êxito. Assim acontece igualmente na arte: cada um só vendo a vida sob um determinado ângulo, buscando quase sempre aquilo que interessa (embora inconscientemente) ao seu temperamento, ao seu estilo de vida. Fosse o mundo sem luz, inexistisse a claridade que tudo ilumina, assim mesmo, em meio da escuridão, cada um teria olhos unicamente para os objetos que lhe falassem a sua forma específica de vida.

Em uma palavra: não há arte abstrata. Fora da vida. A vida é uma só, tornando impossível qualquer espécie de purismo isolacionista e estanque. Por que tanto discutem e discutiram os teóricos da arte a respeito das relações da moral com a arte? Justamente pela dificuldade encontrada em dar-se limite exato aos dois campos. Raciocinando com extremos é fácil encontrar-se soluções para o problema. Platão já havia encontrado, à sua maneira, subordinando inteiramente a arte à moral, fazendo da arte o hero semião ético, como quem dá um conselho ou prega uma conduta a seguir. Longe de nós essa arte moralizadora. O grande passo para diante dado por Aristóteles foi exatamente esse, o de haver se libertado dessa subordinação total da arte aos motivos morais. Contudo, ainda

Aristóteles não conseguiu inteiramente o seu propósito. É verdade que se conseguiram libertar daquele ascetismo místico e utópico de Platão que na República atacou tão acerbamente os poetas, por isso que fazemos instalar n'uma constituição na própria alma de cada um de nós, pela sua complacência frente ao que ali existe de irracional. Diz Aristóteles que a ação moral é interior, cujo fim está no próprio querer da pessoa; ao passo que a arte encontra o seu fim em uma obra exterior ao artista, pela qual realiza a sua vontade. Contudo, a sua concepção intelectualista da arte o leva a uma posição favorável ao sentido moral. A arte imitativa procura reproduzir o geral e o necessário; nas aparências exteriores, descobre a essência interna e ideal das coisas — "tais como são ou parecem ser" ou tais como devem ser; completa assim a natureza que muitas vezes não acaba a sua obra.

É curioso que Mark Baldwin repete no começo deste século essa mesma doutrina de Aristóteles, embora não se refira a ele expressamente. Escreve o pensador inglês — *L'Art et la Morale*, in *Questions du Temps Présent* — Paris — 1910, pág. 111: "A arte assim considerada apresenta mais de uma relação com a moral. Em moral encontramos também um processo de idealização. O bem moral é sempre ideal, por isso que é o que deve ser. Um ideal de vontade e de ação paira sobre a nossa vida e a impregna das idéias de direito e de dever: é o que admite qualquer teoria moral. Sem ideal, sem um sentido vago, mas real, do melhor, eu não poderia nem ser consciente de minha queda, nem me arrependar de minha falta. A conduta moral é uma conduta que idealiza o sentimento de ação. A arte, na medida em que seja também uma idealização, deveria estender a mão à moral. Esta idealização, quer se trate de arte ou da moral, é idêntica em ambos os casos. Em moral como na arte postulamos, imaginamos um shubolo mais perfeito, e tratamos o real como se o pudessemos tornar ideal".

É perfeito este trecho de Baldwin. Basta atentar no fato de que a arte e a moral pertencem ambas ao mundo dos valores, a um universo normativo, diferente da existência real de todos os dias, para que fiquem ambas bem aproximadas em seus objetivos ou fins. Repetem os teóricos da arte, e com razão, que a arte não é mera cópia servil da realidade; caso assim fosse, o maior artista do mundo seria uma máquina kodak. O artista cobre a realidade com a sua imaginação, destaca dela um dado aspecto, envolvendo-o "no manto diáfano da fantasia". E é nesta idealização, nesse auterimento do aspecto real com os valores estéticos, que surge então o que deveria ser, e não mais o ser puro e simples.

Longe de nós o propósito de fazer da arte um instrumento de prédica moral. Nada de arte dirigida, como quem fala de economia planificada. Nada de arte com caráter de lição. Contudo, a arte pode ser impregnada e desintressadamente útil. Em livro especial que dedico ao assunto, estuda Charles Lalo (*L'art et la Morale* — Paris — 1922) cinco funções sociais

que desempenha a obra de arte. Pode ser simples repetição da vida real, exprimindo a vida ambiente. Mas pode, por outro lado, procurar esquecer a realidade, ou constituindo-a em luxo da vida séria, uma espécie de passatempo; ou mesmo entrando em uma técnica especializada, cultivando por ela mesma a vida específica dos sons, das cores, das formas e dos ritmos (doutrina da arte pela arte). Por fim, pode ainda a arte preencher uma quinta função, como já lhe havia apontado Aristóteles: a da purgação das paixões, seja na música ou na tragédia, nas quais a alma se alivia, pela ficção, dos impulsos aos quais não se poderia abandonar sem perigo na vida real.

Nas duas primeiras hipóteses de repetição ou idealização da vida real, deve a arte esforçar-se por ser moral. Nas duas seguintes, como luxo ou como técnica, escapa aos imperativos morais, é amoral. E, finalmente, no caso da purgação, quase sempre conduz a fins morais através de expedientes imorais. Enslina Lalo: "O autor coloca em sua obra os sentimentos que ele quer afastar de sua vida e que o obscurariam perigosamente se não se dessembarçasse deles por esse meio. Tais fins também são preenchidos pelo sonho ou pelo delírio segundo Freud".

Na sua curiosa doutrina da arte social, Richard Wagner (*Die Kunst und die Revolution*) admite que com o desaparecimento das classes sociais, desaparecia igualmente o contraste da ética e da estética, como quer à teoria da arte pela arte. Para mostrar o penúltimo dessa teoria da arte pela arte, é o bastante essa frase de Flaubert, para quem "L'art c'est la recherche de l'inutile".

Em conclusão, achamos tão prioritário e importante pretender subordinar a arte à moral, como querer separá-las inteiramente, refugiando-se numa torre de marfim da arte pela arte. A verdadeira obra de arte procura a elevação da criação humana, despertando-lhe o prazer estético, de simpatia, de comunhão, de universalização, enfim. Estamos com Goethe, quando escreveu em *Dichtung und Wahrheit*: "A boa obra de arte pode ter — e terá — consequências morais, mas exteir do artista fins morais significaria tanto como arruinar o seu ofício".

Sem dúvida, não pode a arte ser subordinada a fins morais. Possui os seus próprios fins. E não é adotar um otimismo exagerado acreditar que o belo concorde sempre com o bem, como pretende Chuviller em suas *Notions d'esthétique*. Preferimos ficar com Lucien Arrault quando escreveu (*La Morale dans le drame. Péguy et le roman*): "Uma obra verdadeiramente bela, em suma, é uma obra sã. Se a moral nasce da experiência, deduz-se, e a experiência o demonstra, que o caráter moral dos efeitos é um dos aspectos da vida humana, e quem não o veja assim não é observador sagaz". "Não há um só poeta que não tenha a sua moral, ainda que seja inconscientemente. Ele mesmo faz das obras literárias documentos para o moralista".

Nada mais exato.